



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Resistências trans entre afetividades sapatonas: notas por um feminismo lésbico anti-cissexista

Autora (1); Raíssa Éris Grimm Cabral

doutora em psicologia pela UFSC – sem vínculo institucional atual

Resumo: Apostando no potencial subversivo da afirmação, visibilidade e memória de afetividades entre mulheres, o presente trabalho trata-se de um ensaio que busca colocar em diálogo os conceitos de heteronormatividade e cissexismo, articulando autobiograficamente as vivências da autora enquanto corpa simultaneamente trans e sapatão. Entendendo, por um lado: que as normatividades implicadas no que se espera dos chamados "processos de transição" de mulheres trans tomam como centro uma noção heterossexual sobre o "ser mulher"; e, por outro, busco entender como predominam narrativas homogêneas sobre lesbianidades, que invisibilizam a existência de corpos dissidentes à cisgeneridade. Busco definir os conceitos de heteronormatividade e cissexismo, entendendo-os como complementares, mas nomeando as diferenças que carregam entre si. Confabulo, por fim, uma aposta política pela construção de um feminismo lésbico que seja aliado ao transfeminismo, compreendendo que tanto a heteronorma quanto o cissexismo são braços do patriarcado a enfrentarmos juntas, tomando como centro a construção de redes afetivas entre sapas (sejam cis ou trans), para construir um mundo que seja mais livre a todas mulheres.

Palavras-chave: feminismo lésbico, afetividade, transfeminismo

tecnologia sapatã
é pulular em cada agosto
pra nutrir de todo as veias e ser sapa-brejo-
solto
ano todo
visível onde quer que se queira
(Esmênia, B. S/P, 2018)

Eu, Raíssa Éris, mulher lésbica, que oscila instavelmente entre as identidades trans e travesti, armo este texto atravessada por essa responsabilidade pessoal e coletiva: dar visibilidade a corpos que divergem frente a cisnorma¹ não apenas pela perspectiva das

não são travestis, transexuais ou transgêneras. Ou, noutras palavras: pessoas cujo autoreconhecimento do próprio sexo coincide com aquele atribuído na primeira certidão de nascimento. Esse conceito busca questionar termos anteriormente utilizados para nomear pessoas que não são trans, utilizando termos tais como: "mulher biológica" (como se mulheres trans fôssemos desprovidas de biologia), "mulher natural" (como se pessoas trans fôssemos cborgues desprovidas de natureza), "mulher nascida mulher" (como se nós, mulheres trans, fôssemos "em realidade" nascidas homens). Os termos cissexismo e cisnorma será utilizado quase como sinônimo de "transfobia", para nomear um sistema cultural/social/institucional que afirma uma posição de poder – relativa – de pessoas cis sobre pessoas trans e travestis. Para mais informações sobre este conceito, recomendo a dissertação de Viviane Vergueiro "Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero

¹ neste presente texto, utilizo o termo "cisgênero/cisgênera" para nomear pessoas que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

violências que nos matam, mas pela perspectiva dos afetos que vivemos e construímos. Inclusive, e sobretudo, quando se tratam de afetos que vivemos com outras mulheres (sejam elas cis ou trans).

O gênero funciona como um programa operativo através do qual se produzem percepções sensoriais que tomam a forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidades. Um dos resultados característicos dessa tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido de eu sexual que aparece como uma realidade emocional evidente à consciência: “sou homem”, “sou mulher”, “sou heterossexual”, “sou homossexual são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre si mesmo, atuando como núcleos biopolíticos e simbólicos duros em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de

inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade (Vergueiro, V. 2015)

</h

práticas e discursos (Preciado 2008, p 89 – tradução livre)

Dizer-me mulher, nomear-me sapatão, consiste em um processo de consciência simultaneamente pessoal e político, implicado na afirmação de que: a forma como experimentamos damos sentido e nos conectamos com nossos corpos *importa*, mesmo quando contradizem aquilo que os documentos oficiais do Estado dizem sobre nós. Ainda que eu viva em uma sociedade que olhe para minha genitália e diga de mim “sexo masculino”, o processo desde o qual ressignifico meu corpo e me digo “sou mulher” não é um delírio, mas uma afirmação dissidente que luta pelo direito de viver meu corpo em afinidade com aquilo que tem sentido, não só pra mim, como praquelas pessoas próximas a mim.

Oferecendo escuta, mais à minha corpa do que aos discursos biomédicos, consigo hoje afirmar: eu, enquanto mulher trans, não sou um “homem que acredita ser mulher” - eu *sou* uma mulher. E, no mesmo sentido, não é suficiente dizer que “me identifico como lésbica” - eu *sou* sapatão. Meu corpo, então, se constrói cruzando uma dupla fronteira: dissidente frente ao cissexismo e dissidente frente a heterossexualidade. E – se a luta contra o cissexismo me avizinha da resistência de outras travestis e mulheres trans – há



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

particularidades específicas por construir minha transição desde uma vivência sapatona. De forma semelhante – se me dissociar da heterossexualidade me avizinha (política e afetivamente) com outras sapas, há especificidades na minha vivência enquanto mulher trans que, por vezes, nos afastam umas das outras. Entretanto, o que sim pretendo trabalhar nesse texto é que ambas as lutas – contra o cissexismo, e contra a lesbofobia – não são frentes contraditórias, mas frentes de luta que se aliam e se complementam. Entendo ambas as lutas como fundamentais para a construção de um projeto de feminismo que se proponha a construir alianças potentes entre mulheres, como forma de minar a dominação masculina, transformando radicalmente o mundo em que vivemos.

Tanto a heterossexualidade, como a cissexismo, têm como premissa o binarismo de gênero. Essa premissa se sustenta a partir que o mundo *humano* é dividido categoricamente em duas classes de pessoas: homens e mulheres. Quaisquer corpos marcados fora desse binário são compreendidos como ininteligíveis frente àquilo que é considerado “humano” (Butler, 1993).

O cissexismo pressupõe que essa divisão é algo imanente, escrita a ferro em nossos corpos desde o nascimento: pessoas

com pênis *são e serão* necessariamente do sexo masculino; pessoas com vagina *são e serão* necessariamente do sexo feminino. Corpos que desviam dessa norma são, por conseguinte, considerados delirantes, desviantes: uma mulher trans é lida como “falsas mulheres”, homens trans como “falsos homens” - mas não como homens ou mulheres “de verdade”. Essa premissa de que somos *falsas mulheres* ou *falsos homens* marca uma posição social – desde a qual nossos corpos fronteiriços são desprovidos de humanidade, marcados como “perversos”, “patológicos”. Essa marca não se constrói a partir da orientação de nosso desejo (sentir atração por pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto), mas se constrói sobre a vinculação entre nosso corpo e nossa identidade: nos afirmarmos enquanto mulheres, desde um corpo que nasceu com pênis – ou alguém se afirmar como homem, desde um corpo que nasceu com vagina. Essa marca expõe a população trans a todo tipo de violência, desde dentro da família (que, por vezes, nos expulsa de casa), naturalizando que nossas vidas se constroem desde uma posição de marginalidade social.

A heterossexualidade compulsória é uma outra contraparte do binarismo de gênero. Pressupõe que a existência natural para *ser uma mulher* se define pela capacidade de dedicar amor aos homens; e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que a existência natural para *ser um homem* significa seu exercício de controle e poder sobre a sexualidade das mulheres. No primeiro caso, dedicar amor aos homens é algo que vai muito além da sexualidade – implica todo um sistema de trabalhos não-pagos, que podem envolver desde serviços como os de cuidado (da casa, bem como da saúde física/emocional de seus companheiros), o de gestar e educar filhas/filhos, dentre outros, ou o trabalho sexual unilateral (proporcionar prazer a homens, sem a contrapartida de receber de volta).

É importante frisar aqui: a heterossexualidade pressupõe o amor de mulheres pelos homens, mas não necessariamente sua reciprocidade. Não é esperado de homens que expressem emoções, nem que as decisões mais importantes de sua vida tenham em vista relações amorosas. Se pressupõe sempre que mulheres são aquelas que precisam trabalhar emocionalmente para manter as relações, para sustentar os casamentos, para “prender” o marido – sempre que uma relação desanda, somos ensinadas a nos culpar por isso.

A heteronormatividade se configura como um sistema assimétrico, dentro do qual: mulheres somos ensinadas a doar amor para os homens; enquanto homens são ensinados a submeter sexualmente a nós, mulheres. "Doar

amor para os homens" não apenas nos contextos sexuais, mas em todas as esferas da nossa vida - desde nossas famílias, onde aprendemos que homens merecem mais cuidado do que mulheres; desde a vida cotidiana, onde todos os homens esperam que os abordemos com docilidade.

A heterossexualidade constrói um lugar de feminilidade, que não é apenas específico às relações conjugais, mas uma exigência de que nossos corpos se mostrem o tempo inteiro disponíveis para indicar nossa amabilidade perante os homens. Existir enquanto sapatão é, por vezes, uma ruptura com essa cultura que nos socializa para essa amabilidade, redirecionando-a para dirigí-la a outras mulheres. E isso se implica não apenas a um processo que se manifesta entre quatro paredes, na nossa cama, mas em toda uma construção dos nossos corpos, dos códigos que adotamos em nossas vidas: justamente quando não fazemos questão que homens não nos desejem, mas buscamos modos de, enquanto mulheres, transmitir afeto por outras mulheres e indicar socialmente nossa disponibilidade em recebê-los.

Um dos sustentáculos mais importantes para manter a heterossexualidade compulsória, é o apagamento de qualquer visibilidade sobre o amor entre mulheres como uma realidade neste mundo. Numa sociedade em que se demanda de mulheres a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dedicação, unilateral, de amor aos homens – nós *lésbicas* nos situamos duplamente subversivas: primeiro, por rompermos com a obrigatoriedade de dedicar nosso amor a *eles*; e, segundo, por sustentarmos a idéia de que nós mulheres podemos (e merecemos) ser amadas por outras mulheres.

Nossas histórias são subtraídas, apagadas, aniquiladas pelo heterocapitalismo. Esse buraco na história gera um grande peso pras nossas vivências, pois construímos nossas identidades, desejos e afetividades sem referências, na contramão de um modelo imposto de heterossexualidade compulsória. (Pereira, p 30, 2017)

A invisibilidade sistemática sobre referências de afetividades avessas à heterossexualidade, é uma forma de manter nossos corpos (em específico nossa sexualidade) sob controle dos homens cisgêneros heterossexuais. Visibilizarmos nossos afeto, ali onde não esperam, é algo que perturba o sistema – na medida em que os homens no poder percebem a possibilidade de não dependermos mais deles, já que podemos nos sustentar entre nós. Manter viva nossa memória, manter viva nossa história, é um gesto político de vital importância – que diz respeito a todas nós, sapatonas (sejamos cis ou trans).

No resgate dessa memória, gostaria de experimentar a noção de Feminismo Lésbico não como um movimento localizado e fechado em coletivos, ativistas ou teóricas em específico (embora essa seja uma faceta fundamental para sua articulação), mas como uma ficção articuladora que envolve diferentes modos de resistir frente ao cruzamento do machismo com a heteronormatividade, atingindo mulheres que se relacionam outras mulheres de uma forma bastante singular.

Afirmar um feminismo lésbico não se trata de idealizar relacionamentos entre mulheres como se fossem espaços livres de violência ou opressão, mas de tecer duplamente:

(a) uma construção feminista que questione a experiência heterossexual como centro, e evidencie a heteronormatividade como um regime político que pressupõe não só uma repressão à homoafetividade, mas também a submissão de mulheres.

(b) possibilitar um olhar crítico a espaços e relações lésbicos na medida em que também se constroem atravessados por pedagogias relacionais da heteronorma e do patriarcado.

Resistência sapatão é mais do que tornar visíveis nossas relações, mas também sobre desmontar códigos que naturalizam realções



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pautadas pela desigualdade. A heterossexualidade compulsória não é apenas um regime que reprime nossa sexualidade, mas também um sistema que coloniza nossos afetos, ao se tornarem referência única sobre como nossas relações se constroem.

Entender essa heterossexualidade compulsória é fundamental para que consigamos construir afetividades desde um outro lugar, criar outras referências de formas de amar. (...) Nesse sentido, é fundamental que pensemos alguns aspectos das relações entre mulheres que de certa forma herdam padrões nocivos absorvidos desde a heteronorma e que ganham particularidades nas relações entre sapatões (Pereira, 31. 2017)

Quando falamos sobre o lugar de relacionamentos entre mulheres, é importante frisar que a categoria *mulher* não se trata de um universal, mas de posições múltiplas no mundo constituídas a partir de múltiplos sistemas de opressão: racismo, capitalismo, cissexismo, capacitismo, etarismo, gordobia – para nomear apenas alguns. A construção de espaços e redes de relação entre lésbicas, assim, não deixam de estar atravessadas por esses sistemas e, embora nossas relações entre mulheres sejam frequentemente romantizadas como “relações entre iguais”, somos

atravessadas por emaranhados de diferenças. Desmontar as pedagogias heteropatriarcais entre as nossas relações implica construir um reconhecimento crítico sobre os lugares que ocupamos no mundo, para que nossas diferenças não reproduzem as mesmas (históricas) hierarquias, construindo outras formas de estarmos juntas entre nossos afetos.

É importante entender aqui que – embora a heterossexualidade e o cissexismo sejam sistemas complementares, e que ambos tenham raízes no binarismo de gênero (a idéia de que o mundo se divide categoricamente em “homens” e “mulheres”), ambos os sistemas possuem especificidades, principalmente no que diz respeito a corpos que divergem frente a tais sistemas.

Construir uma subjetividade sapatão vai pra além da nossa orientação de desejo, mas implica todo um processo de construção das nossas vidas onde nossa linguagem, nossos corpos e códigos deixam de estar centrados dentro da expressão de amabilidade perante os homens – para expressar nossa disponibilidade de afeto entre mulheres. Uma sapatona que se expressa a partir de códigos dissidentes à feminilidade heterossexual não o faz porque “quer imitar os homens” (como o imaginário lesbofóbico insiste em dizer), mas porque – uma vez que nossos afetos se constroem entre mulheres – não precisamos necessariamente nos adequar a um padrão de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

existência que agrada ao olhar masculino (o que não quer dizer que outros padrões não se perpetuem). Entre mulheres trans, isso é um processo que afeta diretamente nossa forma de “transicionar” - isso é, os processos hormonais, cosméticos e comportamentais desde os quais tentamos tornar nossos corpos inteligíveis à sociedade como corpos de mulher. Uma vez que nossos códigos de feminilidade não giram em torno a agradar o desejo masculino, nossos processos de transição não são vividos necessariamente da mesma forma que mulheres heterossexuais – já que seria, supostamente, mais interessante expressarmos outros códigos de feminilidade.

Entretanto, as possibilidades de subversão à feminilidade são ainda mais vigiadas quando se tratam de corpos dissidentes à cisnorma. Não é incomum, por exemplo, que mulheres trans naturalizem discursos em torno a necessidade de dedicar seu amor para homens como uma verdade de seu próprio ser – e que nossa própria construção corporal sobre o que é “ser mulher” se construa em torno ao que é esperado dos padrões de desejo masculinos. Se uma mulher trans se afirma como sapatão, e se afirma seu corpo desde um lugar que não é aquele da “barbie” que os homens desejam – isso é frequentemente utilizado como forma de deslegitimar nossa transição, nossa

identidade como mulher, mesmo *entre* outras mulheres trans.

Segundo estatísticas da ANTRA (Associação Nacional de Travestis), mais de 90% de travestis e mulheres trans trabalham como prostitutas enquanto única alternativa de sobrevivência. Essa realidade social nos diz, pra além da marginalidade que nos é imposta, sobre um lugar social que é esperado de nossas mulheridades: não servindo para ser *mães*, supostamente, não servimos para os trabalhos de cuidado esperados de uma *esposa* – servimos, enquanto mulheres, apenas para o trabalho sexual.

A identidade travesti e de mulheres trans costuma ser pensada como uma versão *hiperssexualizada* da identidade “gay”. Nos lêem como se fôssemos viados, mas *tão viados*, com tanto “fogo no rabo”, que precisamos nos utilizar de uma feminilidade falsa como um artifício exclusivamente para “enganar e seduzir homens”. Isso parte de um pressuposta que lê nossa identidade como manifestação de uma sexualidade perversa, excessiva que não se contém – feminilidade essa que, heteronormativamente, precisa ter um homem como centro do desejo.

Da mesma forma, não é incomum que lésbicas cisgêneras deslegitimem a identidade de mulheres trans lésbicas, afirmando que somos “homens heterossexuais que se vestem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de mulher” no intuito de nos infiltrarmos nos espaços lésbicos, com o intuito de forçá-las a nos relacionar conosco. Tal discurso, tão infeliz quanto recorrente, carrega fortes ressonâncias da mesma cultura transfóbica que nos lê, mulheres trans, como patológicas, fetichistas, existências que emanam uma sexualidade perversa, que visa “enganar” outras pessoas. Discurso de estigma, que faz coro à mesma cultura de ódio que nos mata todos os dias.

É necessário ser dito: posicionar-nos enquanto heterossexuais é um processo que acaba por invisibilizar que nossas relações com outras mulheres são *relações entre mulheres*. É um processo de negação, não só da nossa mulheridade, mas da nossa existência lésbica (assim como da lesbianidade de nossas companheiras). Neste sentido, a transfobia que nega nossa orientação sexual é também um exercício de lesbofobia, na medida em que condena nossa lesbianidade a uma existência invisível, apagada por uma leitura cisnormativa (e heterocentrada) de nossos corpos.

Com este texto, busco apostar num processo de aliança entre o potencial crítico do feminismo lésbico e a luta contra o cissexismo agenciada por corpos de travestis e pessoas trans. Entendo, por um lado, que a construção de redes afetivas entre mulheres pode contribuir com processos de restauração

e cura àquelas que somos atingidas por processos de desumanização transfóbica. Ao mesmo tempo, acredito que a crítica aos referenciais cissexistas de corporalidade (estes que presumem mulher como sinônimo de vagina) podem construir outros referenciais de lesbianidades, tirando a genitalidade do centro único dessas relações, para afirmar a multiplicidade de nossos corpos.

A aposta desse texto consiste em apostarmos na possibilidade *múltipla* de existirmos (e de nos relacionarmos) enquanto lésbicas, reconhecendo que nossas corpos não são necessariamente iguais ou espelho umas pras outras – mas que a diferença, em vez de ser vista como muros impossíveis de se atravessar, pode servir a outras formas de nos ouvirmos, nos entendermos, e nos conectarmos enquanto comunidade.

O futuro de nossa terra pode depender da habilidade de todas as mulheres em identificarmos e desenvolvermos novas definições de poder e novos padrões para nos relacionarmos através da diferença. As velhas definições não serviram nem a nós, nem à terra que nos dá suporte. Os velhos padrões, não importa quão espertamente rearranjados para imitar o progresso, ainda nos condena a repetições



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cosmeticamente alteradas dos

mesmos velhos intercâmbios, a mesma velha culpa, desprezo, recriminação, lamento e suspeita (Lorde 1984, p 123).

Recupero aqui, um dos anseios partilhados por Audre Lorde (1984): que o compartilhar de conexões eróticas torna possível construir pontes entre mulheres, tomando a diferença não como um problema, mas como um impulso para transformações criativas em nossas vidas.

Falar sobre nossas lesbianidades, enquanto mulheres trans e travestis, implica tomarmos a palavra para construir narrativas sobre nossas sexualidades e afetos onde é o nosso desejo que está no centro. Trata de romper com a lógica de que mulheres trans/travestis somos mera bonecas para o consumo sexual masculino: nós também nos apaixonamos, vivemos histórias de amor, e queremos falar sobre elas. Sobretudo quando estas histórias de amor são vividas com outras mulheres, e provam que nós também não precisamos depender de homens para sustentar nosso lugar no mundo.

Os afetos que construímos e compartilhamos entre mulheres – seja de forma sexual, conjugal, ou através dos laços de amizade – carrega uma força poderosa demais para jogarmos fora, simplesmente, porque

algumas de nós não nos encaixamos dentro de determinados padrões machistas impostos sobre o que significa ser uma mulher. O inimigo, afinal, permanece o mesmo – e segue construindo projetos que visam a destruição de todas nós. Sabemos, entretanto, que não conseguiremos, enquanto persistimos com a coragem de nos ouvirmos, nos olharmos, e nos cuidarmos entre nós, pra além dos muros e barreiras erguidos para nos capturar.

Referências Bibliográficas

Butler, J. *Bodies that matter*. NY: Routledge, 1993.

Esmenia, B. *Tribadismo: mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de abya yala*. 1ª ed – São Paulo: padê editorial, 2018.

Lorde, A. *Sister outsider*. Crossing Press: Berkeley, California. Publicado em 1984, reimpresso em 2007.

Pereira, J. *Construção de afetividades entre nós sapatões*. Em: Revista Fala Guerreira #5 – Afetividades. Junho de 2017. P 30-32.

Preciado, B. *Testo Yonqui*. Espasa Libros: Barcelona, 2008.

Viviane, V. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
em Artes, Letras e Ciências da Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Humanidades,
Artes e Ciências Professor Milton Santos,
Salvador, 2015.